mo médio anual de quase 6% a.a. que vem sendo obtido desde 1990 no crescimento da produção de carne de porco.

Portanto, as perspectivas de crescimento tanto da avicultura quanto da suinocultura deverão dar suporte ao escoamento do milho produzido em 1994/95, dado que a alimentação animal (por meio do arraçoamento direto nas propriedades e do uso de rações comerciais) tradicionalmente responde por 80% do consumo total do grão no país. Prova disto é a recente previsão elaborada pela Associação Nacional dos Fabricantes de Rações (Anfar) de que a produção brasileira de rações comerciais em 1995 deverá beirar 22 milhões de toneladas, ou 8% a mais do que o registrado no ano passado.

É elevada a disponibilidade de milho em EGF e AGF

Por outro lado, a comercialização do cereal não poderá prescindir de sintonia fina que leve em conta o fato de estar sendo esperado um superávit recorde na atual temporada. Isto porque a eventual frustração dos produtores com o resultado financeiro após as vendas obviamente implicará desestímulo ao plantio do milho na safra de verão 1995/96 e um menor uso de insumos modernos na próxima semeadura.

Em fevereiro, por exemplo, a informação de que o governo não iria atualizar o preço mínimo pela inflação passada, além de ter frustrado os produtores, também reforçou a tendência de desvalorização das cotações detonada pela ampla oferta. Nos estados da região Sul do país, o preço recebido passou a oscilar entre R$4,00/60kg e R$5,00/60kg (ou seja, de 21 a 37% abaixo do atual preço mínimo de R$6,32/60kg), patamar muito inferior ao custo de produção da ordem de R$6,85/60kg calculado pela Federação das Cooperativas de Trigo e Soja (Fecotrigo) para o Rio Grande do Sul.[3]

Na verdade, o mercado de milho encontra-se especialmente pressionado pelo fato de o total de empréstimos do governo federal (EGF) colhido em outras safras ter alcançado 4,2 milhões de toneladas em fins de janeiro último. Da mesma forma, o somatório das aquisições do governo federal (AGF) alcançava 1,2 milhão de toneladas ao final de 1994. Representando o equivalente a quase quatro meses de consumo comercial, essa estocagem tem pressionado o mercado do grão, pois não só o governo não tem tido recursos suficientes para liquidar os EGF, como também porque o efeito de uma eventual ação neste sentido depreciaria fortemente os preços em plena época de colheita.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

[3] Custo operacional + custo de financiamento + custos fixos; em 1º de agosto de 1994; para milho mecanizado; rendimento físico de 4.200kg/ha.

SOJA

Melhora a competitividade da soja brasileira

A correção da política cambial beneficiou as exportações, diminuindo as preocupações do subsetor.

A nova safra vem fazendo com que se aproximem as cotações internas e externas da soja. As suposições de que seria registrada mais uma boa colheita afinal se confirmaram e já circulam estimativas de produção superior a 26 milhões de toneladas, como é o caso da previsão da Conab. Outros órgãos, como o IBGE e o USDA, divulgaram números um pouco menores. O mais recente é o do Departamento de Agricultura norte-americano, de 14 de março, que estima a safra brasileira em 25,1 milhões de toneladas, num contexto de forte aumento da produção mundial (ver tabela).

Ainda há alguns entraves a uma produção tão expressiva. O tempo esteve excessivamente chuvoso e só melhorou no final de fevereiro, quando alguns dos principais estados produtores puderam começar a colher. O maior estado produtor, o Rio Grande do Sul, naturalmente colhe mais tarde, em função de sua localização geográfica. Até o início de março, porém, tinha-se colhido apenas a metade do que se verificou um ano antes.

Em termos de comercialização, também só se vendeu a metade do considerado normal, em razão de uma conjuntura que, em alguns aspectos, é o oposto da de 1993/94, por suas muitas indefinições e maior oferta.

A baixa do dólar no exterior auxilia o complexo de soja a vender mais.

Houve alguma atenuação das preocupações vigentes no subsetor, depois da correção da política cambial (equivocadamente apresentada por alguns órgãos como Plano Real 2), mas as dificuldades esperadas para a comercialização deste ano (ver *Agroanalysis*, mar. 1995) permanecem. A reivindicação dos exportadores foi em parte atendida. Aliás, aqui se encontram algumas divergências, pois há produtores rurais que consideram as medidas insuficientes para compensarem o peso da TR sobre suas dívidas, o que acarretou manifestações de milhares de agricultores nos estados sulinos. Reivindicavam a liberação dos recursos do crédito de comercialização e das últimas parcelas do crédito de custeio. Além, é claro, do fim

da TR, os manifestantes também querem a revisão das alíquotas de importação de produtos agrícolas (no que contam com o precedente aberto, também em março, pela petição do governo argentino) e pedem aos políticos regionais que só negociem a reforma constitucional se forem atendidos em seus pleitos para as bases do meio rural.

É preciso ter em conta, porém, que o próprio dólar norte-americano tem-se desvalorizado, nas últimas semanas, em relação às demais moedas fortes, e as agências internacionais vêm relatando expectativas generalizadas de que as exportações dos EUA serão beneficiadas com isso.

Previsto grande aumento nos estoques norte-americanos

Soja — produção dos EUA, 1993/94 e 1994/95 (em milhões de t)

Discriminação	1993/94	1994/95	%
Produção	50,92	69,62	36,7
Exportações	16,03	21,36	33,2
Esmagamento	34,62	37,15	7,3
Estoque final	5,68	13,88	144,4

Fonte: USDA.

A produção mundial crescerá 17% em 1994/95

Complexo de soja — produção e estoques mundiais, 1993/94 e 1994/95 (em milhões de t)

	Produção		Estoque final	
Produto	93/94	94/95	93/94	94/95
Soja em grão	117,47	137,91	17,46	26,47
Farelo de soja	79,63	84,87	3,29	3,45
Óleo de soja	18,04	19,33	1,47	1,70

Fonte: USDA.

Este processo de queda do dólar fez estancar um pouco o recuo das cotações da soja em Chicago, mas desde o início de março a bolsa vem oscilando. Tal movimento pendular deve-se ao fato de não se poder estimar precisamente a repercussão da questão cambial sobre as vendas, o que produz ansiedade. É claro que permanece a influência baixista da certeza da grande safra sul-americana. Na Argentina, espera-se novo recorde: 12,7 milhões de toneladas, pois o clima foi favorável às plantações. Somando-se a isto os 2 milhões de toneladas da soja paraguaia e as 600 mil toneladas da boliviana, tem-se uma colheita conjunta de mais de 40 milhões de toneladas. Em meados de março, as cotações de futuros do complexo da soja, em Chicago, para o mês de maio, subiram um pouco. Assim, a tonelada da soja em grão atingiu os US$212,48 (equivalentes a US cents 5,78 por *bushel*). O preço do óleo alcançou US$606,04/t, sendo influenciado também por movimentos semelhantes no mercado de futuros do óleo de palma (dendê) na Malaísia.



Com a grande produção, o país poderá importar menos grão.

Espera-se que as exportações brasileiras dos derivados cresçam nos mercados considerados emergentes do Extremo Oriente e do Oriente Médio. Tais regiões costumam ser abastecidas pelos europeus ocidentais, mas estes foram obrigados a produzir menor quantidade de soja, devido a modificações na política agrícola, e suas exportações deverão diminuir. Os europeus terão de importar, segundo cálculos do USDA, cerca de 15 milhões de toneladas de soja em grão, em 1994/95.

Na estimativa do USDA, liberada em 14 de março, técnicos daquele órgão calculam que o Brasil poderá exportar menos 12,5%, em razão da maior concorrência dos EUA, propiciada pelo excepcional desempenho de sua safra 1994/95 (ver tabela), considerado difícil de ser repetido no próximo plantio, a partir de abril.

O mais recente balanço de oferta e demanda da Conab para a sojicultura brasileira considera que as importações da soja em grão, que totalizaram 900 mil toneladas no ano passado, poderão ser reduzidas para apenas 200 mil toneladas em 1994/95, em razão do crescimento da produção. Com isto, ter-se-ia um suprimento interno de 27,24 milhões de toneladas, para um consumo da ordem de 20,74 milhões (na safra anterior, foi de 20,19 milhões, recorde até então). Devido à expansão da demanda interna, as exportações poderão diminuir de 5,55 milhões para 4,9 milhões de toneladas, deixando um estoque remanescente 97 mil toneladas maior, de 1,6 milhão de toneladas.

Para o óleo brasileiro, a produção estimada é de 3,61 milhões de toneladas (3,53 milhões foram produzidas em 1993/94), com consumo de 2,43 milhões de toneladas (pouco acima dos 2,4 verificados no ano anterior) e exportação igual à de 1993/94 (1,5 milhão de toneladas). Os estoques de passagem cairiam, então, de 222 mil para 192 mil toneladas.

O farelo teve sua estimativa de produção ampliada de 14,69 milhões para 15,01 milhões de toneladas. O suprimento interno foi calculado em 15,43 milhões de toneladas, com consumo interno de 4,8 milhões (4,46, no ano passado) e exportações preliminarmente mantidas no mesmo patamar do ano comercial anterior (10,3 milhões

de toneladas), mas há estimativas de que possam aumentar. Estes números, no entanto, foram calculados a partir da previsão de produção de 25,5 milhões de toneladas e liberados em 8 de março. Supondo-se que a mais nova avaliação do tamanho da safra (26,3 milhões de toneladas) se concretize, haverá melhor desempenho quantitativo das vendas.

No que diz respeito aos preços, porém, não parece, mantidas as condições do momento, que o novo ano comercial possa trazer maiores surpresas. É claro que algo como mais uma manifestação danosa de El Niño poderá acontecer. Afinal, há prenúncios dele nas enchentes em regiões ao sul do Brasil e nas fortes inundações que há pouco arrasaram plantações e solos urbanos na Califórnia.

A ociosidade das empresas é preocupante.

As questões de fundo que tolhem o desenvolvimento da lavoura da soja no país, porém, continuam. Recente estudo da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) apresentou proposta de algumas alterações em pontos-chave que, feitas, permitirão à sojicultura maior desembaraço. A fundamentação para essas idéias encontra-se na constatação de que, em 15 anos, a área de cultivo da soja cresceu somente 1,6% ao ano, passando de 8,8 milhões de hectares, em 1979/80, para 11,2 milhões de hectares em 1994/95. Tal expansão só ocorreu porque o Centro-Oeste conquistou novos espaços, já que, no Sul, as plantações encolheram mais de 1,3 milhão de hectares. Na área agroindustrial, foi o que aconteceu na região dos cerrados, pois em 1990 ela detinha 15% da capacidade de esmagamento e, agora, pode esmagar 48% do total do país.

Esta maior participação, porém, não é tranqüila. Dados da Abiove mostram que a ociosidade das empresas atinge 49,5% (podem moer 105 mil toneladas por dia, mas trabalham, em média, com 53 mil toneladas/dia). A situação das indústrias dos estados centrais estaria pior, não fosse o fechamento de várias concorrentes de pequeno porte (*et pour cause*, de tecnologia defasada) em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Esta situação também afeta o principal estado processador de soja, que é o Paraná. Suas indústrias abasteciam-se nas produções do cerrado, que agora escasseiam, pela presença das novas fábricas regionais.

No referido trabalho, as sugestões de modificações possíveis em alguns entraves à sojicultura são as seguintes:

- fim do ICMS nas vendas externas de farelo e óleo, procurando-se manter o diferencial da Argentina (ver *Agroanalysis*, fev. 1995);
- redução do ICMS incidente sobre o óleo de soja, em geral;
- racionalização e investimentos na infra-estrutura dos transportes, incluindo os portos e as tarifas das ferrovias estatais;
- incentivo à sojicultura na fronteira agrícola;
- liberação do capital estrangeiro na agroindústria da soja;
- exclusão do complexo da soja da classificação compulsória (Lei nº 6.305/75);
- implementação da Lei dos Portos e evitar a volta da obrigatoriedade do uso de navios brasileiros no comércio exterior.

As novas medidas de correção do atual plano de estabilização são benéficas, mas ficam longe dos objetivos almejados pelas propostas citadas. A criação do sistema de bandas para o dólar é interessante e se soma à baixa da moeda norte-americana no exterior, mas não leva à reação necessária dos preços e é uma medida pontual. A autorização de captação de recursos externos pelos bancos para aplicação na agricultura é importante, mas o governo federal está empenhado em manter elevados os juros internos, como um freio à forte expansão do PIB esperada em 1995. Outra autorização, a dada ao BNDES para o alargamento dos prazos de financiamento de máquinas agrícolas, de quatro a cinco anos para seis a oito anos, será favorável, no longo prazo, acelerando a modernização do maquinário, que já estava em andamento na área da soja.

Prevê-se concentração nas vendas em curto período.

No curto prazo, é preciso acompanhar como evoluirão as vendas no mercado interno, posto que a reincorporação da soja à política de garantia de preços mínimos, com direito à equivalência-produto, criou sérios problemas para o governo federal. Continua-se prevendo que até 6 milhões de toneladas de soja da atual colheita serão adquiridos pelo governo federal, o que tem mantido as indústrias afastadas temporariamente das compras.

Nos primeiros momentos da baixa sazonal dos preços internos, algumas cooperativas optaram por também ficar fora do mercado e as vendas antecipadas, que tão bem caracterizaram o mercado nos últimos anos, simplesmente não deslancharam. Isto provocará concentração das vendas daqui a algumas semanas, agravada pelo fato de a colheita da soja precoce ter-se atrasado, em razão das chuvas de fevereiro, o que impediu o cumprimento dos contratos de entrega da produção naquele mês. Embora não haja condições, ainda, de calcular as perdas das lavouras de ciclo curto, sabe-se que seu período final de desenvolvimento foi afetado, mas como sua participação na produção total do país é pequena, este fato não provocará desfalque significativo.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA